

Graziela dos Santos Alves
Professora licenciada em Letras – Português e Literaturas
de língua portuguesa ULBRA/2006
Discente do Curso de Letras – Língua Espanhola
UAB/Pólo Cachoeira do Sul

RESUMO: O presente trabalho aborda a possibilidade de análise do catolicismo e do capitalismo como a ideologia dominante preservada pela classe burguesa, representada pela personagem Quitéria Campolargo, na obra *Incidente em Antares*. Fez-se um estudo referente à Literatura, como uma arte que pode contribuir para a compreensão da sociedade. Analisou-se o papel da mulher na sociedade e as relações que entre elas se manifestam, bem como sobre a figura feminina representada mimeticamente pela Literatura. Por fim, faz-se uma análise da personagem, para verificar a possibilidade dos ideais católicos e das ideias capitalistas serem percebidos como ideologia dominante.

PALAVRAS CHAVE – Literatura – Ideologia – Mulher.

ABSTRACT: This paper presents a study about catholicism and capitalism as a dominant ideology at the burguesy, represented for the Quitéria Campolargo, a personage in a novel *Incidente em Antares*. It's a study about Literature and her contribution for the understanding of the society, then it's an analysis a feminine figure in the society and in the Literature. Finally, it's a personage's analysis and your possibility a representation catholic' ideal and capitalist' ideas.

KEYWORD – Literature – Ideology – Woman.

INTRODUÇÃO

A Literatura gaúcha propicia, em muitas produções em prosa ou em verso, a análise e a discussão a respeito de fatos e costumes do Rio Grande do Sul porque representa, ficcionalmente, em lugares característicos do sul do país, seja em ambiente rural ou urbano, o modo de viver e os problemas existentes na sociedade sulina. Dentre os escritores que representam, sob a égide da mimese, a realidade sul-rio-grandense, está Erico Verissimo que, através de suas obras, expressa fatores sociais como a distinção de classes, o domínio da burguesia sobre a sociedade ou ainda representa aspectos políticos e econômicos pertencentes ao universo social gaúcho.

Em suas obras, como é o caso de *Incidente em Antares*, Erico Verissimo retrata aspectos da hipocrisia existente na sociedade burguesa gaúcha – como de resto em uma sociedade que emergiu voltada para o capital e para a segregação social. No romance, a sociedade demonstra preservar ideologias que favorecem o bem estar do povo antarense. Mas, o que se percebe é que a manutenção de costumes conservadores serve apenas para beneficiar um pequeno grupo da sociedade representada. Desse modo, nota-se a falsidade existente na

comunidade antarense, que aparenta agir de acordo com os interesses da maioria, mas, na realidade, busca beneficiar o interesse de poucos, ou seja, satisfazer os ricos. Para desvelar a desigualdade social, o escritor vale-se do “fantástico”, em que as personagens mortas, que estão livres de receber qualquer repreensão por desmascarar a sociedade antarense, uma vez que não pertencem ao mesmo universo físico, desmascaram o mundo dos vivos.

Na obra em questão, verifica-se a presença de uma sociedade hipócrita, vinculada às aparências. Por este motivo, ela prezava o *status* e a condição social, sem interessar-se na forma, seja ela honesta ou através de falcatruas, com que consolidou a sua situação. Além disso, a sociedade antarense acreditava em ideias conservadoras que refletiam o modo de pensar da burguesia, que, na época em que se passava a narrativa, era a classe social dominante no território nacional e que, evidentemente, apoiou as ações que redundaram no Golpe Militar de 1964.

No presente trabalho, propõe-se, inicialmente, um estudo sobre as ideologias dominantes, capitalista e católica, representada na obra *Incidente em Antares*, delineadas pela personagem Quitéria Campolargo. Isto é, pretende-se verificar, através desta pesquisa, quais são as ideias que orientam as ações da personagem a ser analisada para a manutenção do *status quo* antarense. Dessa forma, tender-se-á à compreensão da relação que se estabelece entre religião e política para aqueles que buscam o domínio diante de um grupo social.

Tendo em vista que a Literatura representa situações, problemas vivenciados pela sociedade e considerando que a ideologia é um aspecto existente na convivência social, avalia-se como relevante o estudo da obra de modo a refletir-se a representação social que ela expressa.

Considerando que aspectos referentes à religião católica e ao sistema capitalista estão presentes na obra, almeja-se verificar de que maneira estes temas podem ser vistos como representação dos ideais dominantes da sociedade de Antares. Tendo em vista a diversidade de personagens e situações apresentadas pela narrativa, seleciona-se para análise Quitéria Campolargo. A matriarca Campolargo pode ser entendida como representação da ideologia dominante burguesa por meio de suas convicções religiosas e políticas, ou ainda, pelo prestígio que sua família exerce, no plano político, dentro da comunidade representada. Convém ressaltar que o fato da personagem participar e auxiliar em instituição religiosa e em comunidade carente é um meio para que seja vista como uma personagem “bondosa”, “caridosa”, em consonância com os preceitos católicos, reiterando e mantendo a influência e o poder da sua classe social. A personagem, assim, adquire popularidade e, com isto, contribuí

para a formação de opiniões favoráveis ao que ela julgava melhor, ampliando o número de aliados as suas crenças.

No primeiro segmento, “A Literatura como Forma de Compreensão da Sociedade”, aborda-se o papel das obras literárias para se compreender aspectos da sociedade e a influência exercida pelo contexto histórico nas narrativas. O segundo segmento, “Mulher e Sociedade”, enfoca questões referentes ao tratamento dispensado às mulheres em diferentes momentos históricos. Em “Ideologia: uma tentativa de definição”, conceitos de diferentes teóricos sobre ideologia são apresentados, incluindo-se aspectos relevantes a respeito da ideologia em diferentes momentos da vida social do Ocidente. Por fim, em “Quitéria Campolargo: entre o catolicismo e o capitalismo”, faz-se a análise da personagem relacionando-a ao tema proposto pelo estudo.

2. A LITERATURA COMO FORMA DE COMPREENSÃO DA SOCIEDADE

No diálogo que se estabelece entre estudos históricos e sociológicos e literatura, é possível, através das obras literárias, compreender os hábitos, os comportamentos e as formas de pensar das sociedades em distintos contextos históricos sem, contudo, conceder-lhes *status* de verdades absolutas. Sob a ótica de um narrador, mimetizada, renasce ao leitor uma sociedade e seus caracteres e, sobre esta representação, debruça-se o estudioso de Literatura.

Quanto a Literatura, Sodré (1969, p. 9) declara que:

não é uma atividade de adorno, mas a expressão mais completa do homem. Todas as demais expressões referem-se ao homem como especialista de alguma atividade singular. Só a Literatura exprime o homem como homem, sem distinção nem qualificação alguma.

A obra literária foi, durante determinada época, considerada uma manifestação precisa da realidade e só assim ela teve reconhecimento e valorização por parte dos críticos. No entanto, de acordo com Candido (1973, p. 4):

Antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependia de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão.

Assim compreendidas, as obras literárias refletem questões existentes nas vivências sociais ou emanadas delas. Desse modo, de acordo com Sodré (1969, p. 3),

a formação e o desenvolvimento da Literatura são uma parte do processo histórico total da sociedade. A essência é o valor estético das obras literárias, e também de sua ação, é uma parte daquele processo geral e unitário pelo qual o homem se apropria mediante a sua consciência.

A Literatura, uma arte relacionada ao meio social, acompanha ou dialoga ou reflete os progressos, os costumes e as maneiras de pensar da sociedade, uma vez que o escritor representa os conflitos existentes em sua época.

Quanto à obra literária, “só podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra” (CANDIDO, 1973, p. 4), ou seja, para entender-se uma obra literária é preciso relacionar fatores externos à obra e aspectos que lhe são internos. Dessa forma, para compreender uma obra literária é necessário considerar o contexto histórico e a linguagem presentes, pois, texto e contexto complementam-se.

A Literatura ao representar a sociedade o faz “através da palavra, o autor imita ou fantasia a realidade” (TAVARES, 1996, p. 31). Sendo assim, o escritor representa algo semelhante ao que existe na realidade da sociedade. No entanto, o romancista ou poeta não realiza uma reprodução fiel desta realidade, porque o que ele expressa, através da linguagem, será a sua observação subjetiva quanto aos fatos que existem na vida real. Desse modo, ao analisar-se uma obra literária, não se pode desconsiderar o fato de que a representação existente na narrativa é uma ótica em relação àquele tema.

2.1 A Arte Literária

A arte literária pode ser estudada através de duas abordagens diferentes. “A primeira consiste em estudar em que medida a arte é expressão da sociedade; a segunda, em que medida é social, isto é, interessada nos problemas sociais” (CANDIDO, 1973, p. 19). Em outras palavras, as obras literárias podem ser consideradas como uma manifestação da sociedade ou ainda como uma forma de representação dos problemas vivenciados por esta sociedade. Por conseguinte, ambas as tendências representam pontos de vista sociais.

De acordo com Lucas (1985, p. 5):

A perspectiva social será apanhada toda vez que a personagem ou o grupo de personagens tiver seu destino ligado ao da sociedade global de que faz parte, sob

o impulso das forças fundamentais que conferem historicidade às tensões entre indivíduos ou grupos.

Assim, a Literatura, percebida como representação social, só será alcançada quando a personagem estiver envolvida em um contexto social. No entanto, quanto à personagem, “somente aquela identificada com o destino de sua classe, pode ter visão totalizante da sociedade” (LUCAS, 1985, p. 7). Por isso, só será possível compreender a sociedade como um todo, à medida que a personagem estiver inserida num contexto social, agindo de forma condizente com os ideais da classe social na qual está inserida.

Ainda quanto aos aspectos sociais que estão representados nas obras literárias, pode-se afirmar que eles recebem influências das modificações ocorridas na sociedade em diferentes épocas. As influências exercidas por eles são verificadas na obra por meio das atitudes e das ideologias que são representadas através das personagens. Conforme Candido (1973, p. 30):

o influxo exercido pelos valores sociais, ideologias e sistemas de comunicação, que nela se transmudam em conteúdo e forma discerníveis apenas logicamente, pois na realidade decorrem do impulso criador como unidade inseparável.

Com isto, valores sociais e ideologias tornam-se temas de obras literárias, uma vez que “nada na existência coletiva acontece sem motivo, nada acontece fora de tempo, tudo tem o lugar próprio, e não outro, tudo traz a marca indelével da sociedade” (SODRÉ, 1969, p. 2). Quanto ao fato das obras literárias representarem o aspecto social, pode-se considerar que esta “função independe da vontade ou da consciência dos autores e consumidores de Literatura. Decorre da própria natureza da obra, da sua inserção no universo de valores culturais” (CANDIDO, 1973, p. 46).

Em *Incidente em Antares*, de Erico Verissimo, publicada, pela primeira vez, em 1971, percebe-se que o destaque maior da narrativa “recai sobre os erros da sociedade” (LUCAS, 1985, p. 17). Em outras palavras, a ênfase dada pela narrativa está em mostrar os valores sociais injustos presentes na sociedade representada. Ao pesquisador compete analisá-las sob à luz deste processo em que se procura, em suma, a compreensão do homem e da sociedade.

3 MULHER E SOCIEDADE

A mulher, no decorrer da História, foi conquistando o seu espaço e, em decorrência disso, logrou maior valorização na sociedade. A conquista deste espaço foi gradativa, mas se deu em grande parte a partir do momento em que a vida tornou-se urbana. Com a urbanização, os costumes foram se inovando e a mulher adquirindo novos direitos, superando uma história que a relegou apenas à permanência no lar, onde exercia o papel de mãe, filha ou esposa.

No final do século XIX, o Positivismo, doutrina de Auguste Comte, baseada no discurso científico, ditava, por exemplo, as normas a serem seguidas pela sociedade. Na visão positivista, a mulher deveria restringir-se à sua casa, sem se envolver no campo científico ou profissional. Assim, a visão da mulher estava fundamentada numa ideia conservadora.

A moral positivista propunha que a mulher perfeita deveria ser uma “filha obediente, esposa dedicada, mãe exemplar.” (DEL PRIORE, 1997, p. 299). Agindo desta forma, a mulher estaria de acordo com o que a sociedade esperava: viver somente dentro de casa, preocupado com os afazeres domésticos.

No entanto, mesmo sendo submissa ao homem, “este ato não a inferioriza, pois a mulher tem como papel pré-determinado dentro da organização familiar, a nobre missão de ser esposa, mãe e educadora” (ISMÉRIO, 1995, p. 44). Para a moral católica, segundo a qual a mulher deveria ser submissa ao homem, isto não a desvalorizava como mulher, porque, mesmo sendo limitadas as suas funções, ela era reconhecida por desempenhá-las. Nesta concepção, a mulher era tida como um ser único de emoção.

A casa era, sob este prisma, o ambiente de atuação da mulher e, nele, ela exercia as funções de mãe e esposa, cumprindo os papéis que lhe foram destinados. “O interior das casas, reservado às mulheres, é um santuário em que o estranho nunca penetra” (DAMATTA, 1997, p. 51). Segundo Stein (1984, p. 40), “a união da esposa submissa ao marido – chefe, imprescindivelmente sacramentada pela lei da Igreja, e indissolúvel, era a única possibilidade de felicidade e harmonia para indivíduo e sociedade, sendo inadmissível tudo que não se coadunasse com ela”.

Assim, o matrimônio constituía uma forma de manter a mulher vinculada aos afazeres domésticos e incluía, como preceito básico, a maternidade. O casamento, por isso, era considerado um meio para conservar a ordem individual e social. Ao ser mãe e esposa, a mulher mantinha a harmonia da família e preparava os filhos para viverem em sociedade. Dessa forma, o casamento reiterava a submissão da esposa em relação ao marido, uma vez que a mulher envolvia-se com o domínio do lar, cuidando da educação dos filhos e das tarefas domésticas.

O processo de emancipação feminina no Brasil, costumeiramente, seguiu os padrões de uma sociedade conservadora e, em razão disso, os avanços foram lentos, não sendo possível, inclusive, negar inúmeros retrocessos. Somente nos séculos XIX e XX é que esta ordem passa a ser subvertida. Del Priore (1997, p. 223) complementa:

Durante o século XIX, a sociedade brasileira sofreu uma série de transformações: a consolidação do capitalismo; o incremento de uma vida urbana que oferecia novas alternativas de convivência social; a ascensão da burguesia e o surgimento de uma nova mentalidade – burguesa – reorganizadora das vivências familiares e domésticas, do tempo e das atividades femininas.

Nas distintas classes sociais, diante das transformações ocorridas, houve alteração ou aquisição de princípios que evoluíram conforme se processaram as transformações sociais. Assim, a mulher das classes sociais mais altas começou, inclusive, a frequentar outros ambientes “A mulher de elite passou a marcar presença em cafés, bailes, teatros e certos acontecimentos da vida social” (DEL PRIORE, 1997, p. 228).

Dessa forma, a presença da mulher em ambientes diversificados representava a manutenção da influência social do marido e uma forma de elevar o *status* familiar. Por isso, a mulher burguesa teve um maior incentivo quanto a estudar, já que ela “submetia-se à avaliação e opinião dos ‘outros’” (DEL PRIORE, 1997, p. 228). O estudo, que lhes era ofertado, incluía aulas de piano e, ao mesmo tempo, acesso a determinadas leituras. Em conformidade com Del Priore (1997, p. 314):

Assim, enquanto, no século anterior, a divulgação das imagens idealizadas supervalorizava os papéis de esposa e mãe, no século XX as mulheres da elite passaram a exercer uma ‘missão irradiadora’: de educadoras dos filhos a transmissoras de cultura na sociedade.

Por mais que ainda fossem valorizadas as funções de mãe e esposa, este já não era mais o ideal de mulher no século XX. A relação estabelecida entre mulher e sociedade ou ainda entre mulher e homem foi sendo alterada. A partir disto, o ambiente de atuação do sexo feminino foi ampliado e a mulher começou a trabalhar fora de casa e estudar. Nesse sentido, Del Priore (1997, p. 597) anota:

Num mundo em que mulheres e homens desfrutassem de condições de igualdade, as mulheres teriam novas oportunidades não só de trabalho, mas de participação na vida social. A condição feminina, o trabalho da mulher fora do lar, o casamento, a família e a educação seriam pensados e praticados de uma maneira renovada.

Aos poucos, a mulher foi conquistando o seu espaço social e profissional. O seu meio de atuação foi se expandindo, afastando-se o propósito de que a mulher é um ser submisso ao homem.

Sendo assim, a participação da mulher “na sociedade contrariou o silêncio e a invisibilidade histórica” (FIGUEIREDO, 2004, p. 94). Em outras palavras, por mais que a moral e os bons costumes impusessem que a mulher tivesse um papel restrito na sociedade, estas normas foram sendo modificadas e a mulher tornou-se um ser atuante que contribuiu para a construção da História.

3.1 A Representação Literária da Figura Feminina

No decorrer dos anos, aconteceram transformações políticas, sociais, econômicas, culturais e religiosas na sociedade, o mesmo aconteceu na arte literária: “As representações literárias não são neutras, são encarnações ‘textuais’ da cultura que os gera” (DEL PRIORE, 1997, p. 408). Assim, as obras literárias refletem fatos ocorridos em momentos históricos distintos. A Literatura, em decorrência disso, passa por transformações que advêm desta mudança no âmbito social.

No século XVII, por exemplo, a mulher não se “constituía um público leitor provável, que motivasse o escritor a pesquisar temas que lhe dissessem respeito a fim de captar sua atenção” (ZILBERMAN, 1985, p. 77), de modo que o autor não conhecia os interesses do público feminino e não lhes apresentava temas pertinentes. De acordo com Zilberman (1985, p. 77):

Sem qualquer legitimidade e reconhecimento social, mesmo entre as classes dominantes, a mulher não tinha na Literatura nenhum aliado. Não era personagem interessante, não se registrando, dentre os ficcionistas do século XIX, qualquer figura feminina de destaque: ou são pálidas amadas dos heróis, filhas ou irmãs de grandes ou médios proprietários rurais em época de casar, ou são elementos colaterais da trama de caracterização epidérmica e participação ocasional.

“Mas no século XIX já se estabelece uma mudança no público leitor. Ele se torna muito maior e se constitui, em grande parte, de mulheres burguesas” (DEL PRIORE, 1997, p. 402). Com o aumento significativo de leitores, em sua maioria mulheres, autores passaram a escrever obras que conquistassem as leitoras. Em conformidade com Del Priore (1997, p. 234):

O que a Literatura do período informa é que a mulher das classes baixas, ou sem tantos recursos, teve maiores possibilidades de poder amar pessoas de sua condição social, uma vez que o amor, ou expressão da sexualidade, caso levasse a uma união, não comprometeria as pressões de interesses políticos e econômicos. As mulheres de mais posses sofreram com a vigilância e passaram por constrangimentos em suas uniões, de forma autoritária ou adoçada, na sua vida pessoal.

Percebe-se, assim, que as escolhas amorosas feitas pelas mulheres eram influenciadas pela sociedade, pois se ela pertencia à classe social alta não tinha o direito de escolher o seu esposo. A união era combinada com o intuito de aumentar os bens e não visava à felicidade amorosa. Já, na classe baixa, a mulher tinha direito de escolher seu companheiro, uma vez que o casamento não era realizado com a intenção de ampliar patrimônio.

Sobre os temas que as mulheres apreciavam, Sodré (1969, p. 186) afirma:

Daquelas primeiras leituras de romances romanescos traduzidos na intenção das damas sentimentais, lhe ficaria sempre o conceito que foi aliás o de toda a nossa era romântica até o naturalismo que o romance é uma história puramente sentimental, cujos lances devem pela idealização e romanesco nos afastar das feias realidades da vida e servir de divertimento e ensino. É uma história principalmente escrita em vista das senhoras.

A representação feminina, na era romântica, era idealizada, a mulher era retratada como um ser perfeito. A personagem feminina que não correspondesse à idealização proposta pelo Romantismo acabava sendo “punida” com a morte, como é o caso de *Lucíola*, de José de Alencar. Já no período literário Realismo-Naturalismo, a mulher possuía uma liberdade maior quanto as suas vontades amorosas, porém, de acordo com Lucas (1985, p. 35-36),

a junção amorosa tornava-se presa de determinismos biológicos, hereditários, mesológicos ou ambientais que tornavam inaturais a busca do prazer, principalmente para a protagonista, geralmente guiada por impulsos considerados mórbidos.

A mulher, conforme a visão realista, agia de acordo com a influência do meio como é o caso da personagem Rita Baiana, da obra *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, que se guiava por seus instintos e era resultado do meio social em que vivia.

Em meados do século XX, o escritor gaúcho Erico Verissimo revisita o universo feminino e “compõe personagens femininas poderosas e marcantes” (ZILBERMAN, 1985, p. 90). Para a autora (1985, p. 82):

É o investimento pessoal da existência que dá sentido às suas histórias, opondo-as ao modelo da mulher fútil ou acomodada às lides caseiras. Estas, quando presentes na ficção de Erico, são objetos de crítica ou ocupam posição secundária,

porque sua preferência leva-o a privilegiar personagens fortes, desinteressadas das vantagens pessoais e catalisadoras do progresso, mesmo quando este se restringe ao âmbito doméstico.

O escritor priorizava representar mulheres fortes e determinadas, personagens atuantes na sociedade porque tinham conhecimento dos problemas que estavam presentes no seu ambiente social.

4 IDEOLOGIA: UMA TENTATIVA DE DEFINIÇÃO

A sociedade está baseada em regras e as pessoas agem de acordo com normas que acreditam ou as normas que seu grupo social segue. Por isso, pode-se dizer que a ideologia é uma ideia que está inserida na sociedade e, por ser um aspecto existente na vida social, a ideologia é também representada nas obras literárias.

Em qualquer época ou escola literária, a personagem remete o leitor a “uma determinada ideologia” (SILVA, 1984, p. 695). Neste caso, compreende-se por ideologia “um conjunto de idéias, crenças, convicções que orientam as ações” (LUFT, 2000, p. 374), representando um modo de pensar e agir socialmente, baseado em determinadas escolhas, que podem estar relacionadas a uma crença religiosa, ideia conservadora ou convicção política, por exemplo.

Para Chauí (1982, p. 31), ideologia significa,

um ‘fato’ social porque é produzida pelas relações sociais, possui razões muito determinadas para surgir e se conservar, não sendo um amontoado de idéias falsas que prejudicam a ciência, mas uma certa maneira da produção das idéias pela sociedade, ou melhor, por formas históricas determinadas das relações sociais.

Em consonância com Follmann (1985, p. 25), a ideologia pode ser considerada como um “conjunto orgânico de idéias, valores e normas em função prático-social referente à estrutura básica de determinadas formações socioeconômicas”. A partir desta ideia, compreende-se que os aspectos ideológicos estão relacionados à vida social. Assim sendo, de acordo com Chauí (1982, p. 20):

É, portanto, das relações sociais que precisamos partir para compreender o quê, como e porque os homens agem e pensam de maneiras determinadas, sendo capazes de atribuir, de conservá-las ou de transformá-las.

Desse modo, para se compreender as crenças, os costumes e as normas de uma sociedade é preciso, antes de qualquer coisa, conhecer as relações sociais estabelecidas neste grupo social. Com isto, entende-se a preservação de determinados ideais sociais ou a necessidade de mudança destes.

Uma vez que “a ideologia resulta da prática social, nasce da atividade social dos homens no momento em que estes representam para si mesmos essa atividade” (CHAUÍ, 1982, p. 92), eles interagem no ambiente social e surgem ou transformam-se as ideologias. Quanto ao surgimento das ideologias, pode-se afirmar que, conforme Chauí (1982, p. 60):

Nas considerações sobre ‘a ideologia em geral’, Marx e Engels determinam o momento de surgimento das ideologias no instante em que a divisão social do trabalho separa trabalho material ou manual e trabalho intelectual.

Dessa maneira, a origem das ideologias ocorre a partir da divisão da sociedade, feita através do trabalho e das diferentes formas de encará-lo. Segundo Giles (1985, p. 71),

a ideologia é função da distância que separa a memória social de um acontecimento que, no entanto, trata-se de repetir. Seu papel não é somente o de difundir a convicção para além do círculo dos fundadores, para convertê-la num credo de todo o grupo, mas também o de perpetuar sua energia inicial para além do período de efervescência.

A ideologia, vista desse modo, desempenha o papel de manter o seu princípio desde o momento em que surge até o instante em que se torna eterna. Em conformidade com Chauí (1982, p. 21): “Além de procurar fixar seu modo de sociabilidade através de instituições determinadas, os homens produzem idéias ou representações pelas quais procuram explicar e compreender sua própria vida individual, social”.

O homem procura determinar sua condição de ser social por meio da participação em instituições religiosas, públicas, privadas. Assim, o ser humano tenta seguir as crenças que as instituições, que participa, seguem. Para reiterar o fato de o homem participar de instituições da sociedade, de acordo com Chauí (1982, p. 74):

A sociedade civil é o sistema de relações sociais que se organizam na produção econômica, nas instituições sociais e políticas e que são representadas ou interpretadas por um conjunto sistemático de idéias jurídicas, religiosas, políticas, morais, pedagógicas, científicas, artísticas, filosóficas.

Tendo em vista que a sociedade envolve vários aspectos, pode-se dizer que ela está organizada dentro de um sistema social político, religioso e econômico. Sendo assim, esta

forma de organização acaba gerando diferentes opiniões, que se tornam a ideologia desta sociedade. “A ideologia é um dos meios usados pelos dominantes para exercer a dominação, fazendo com que esta não seja percebida como tal pelos dominados” (CHAUÍ, 1982, p. 86). As pessoas das classes dominantes, através dos ideais que acreditam, procuram firmar e manter a sua situação de poder. Por meio de suas convicções, a classe dominante procura conservar a sua influência sobre os membros da sociedade em que vive. Nesse sentido, declara Chauí (1982, p. 94):

A ideologia consiste precisamente na transformação das idéias da classe dominante em idéias dominantes para a sociedade como um todo, de modo que a classe que domina no plano material (econômico, social e político) também domina no plano espiritual (das idéias).

Portanto, a ideologia, estando presente na sociedade, pode ser percebida como um ponto de referência para que os membros de um grupo social ajam. A ideologia serve para manter a supremacia de uma classe sobre a outra. Para Follmann (1985, p. 67):

A igreja no Brasil, ao longo de toda sua história, foi sempre nitidamente uma grande parceria das classes dominantes. Formada quase exclusivamente de católicos tradicionais e caracteristicamente portadora de ideologias conservadoras, mostrou-se, ao longo de séculos, até tempos bem recente, como força institucional conivente (e integrada) com as estratégias de defesa dos interesses das classes dominantes e estranha às incipientes estratégias de afirmação dos interesses das classes dominadas, na medida que estas foram se constituindo.

A Igreja Católica, adepta das ideias conservadoras, tornou-se aliada das classes dominantes. A relação entre Igreja Católica e classe dominante era favorável a ambas, a Igreja recebia recompensas de sua aliada e, em troca, membros pertencentes à Igreja discursavam em favor das ideias que beneficiavam a classe dominante. Chinoy (1975, p. 515) registra:

Onde quer que o catolicismo tenha ocupado posição de relevo na sociedade, como religião oficial ou credo dominante, quase sempre revelou interesse pelo *status quo*, através da autoridade moral que podia exercer, das propriedades que possuía e da influência que era capaz de exercer sobre o poder secular.

Assim, compreende-se que a Igreja Católica almejava manter-se sempre como uma instituição superior. Para isto, ela possuía propriedades e bens que reforçavam o seu *status quo* e apoiava o regime político que lhe fortalecia economicamente.

5. QUITÉRIA CAMPOLARGO: ENTRE O CATOLICISMO E O CAPITALISMO

A personagem Quitéria Campolargo é considerada como “uma das maiores personagens” (LUCAS, 2005, p. 124) do romance *Incidente em Antares*. Ela é a matriarca dos Campolargos, uma das famílias que dominam a cidade. Para adquirir poder sobre a comunidade de Antares, a família em questão foi capaz de cometer atos absurdos, cruéis e covardes, como roubar e matar. “- É do conhecimento geral [...] que os Campolargos assassinaram covardemente o meu mano Antão, que não teve nem o consolo de morrer como homem, peleando de arma na mão.” (VERISSIMO, 1971, p. 16).

Dessa maneira, evidencia-se que, desde os antepassados familiares da personagem Dona Quita, os Campolargos já agem de maneira desonesta para obter capital e consequentemente adquirir autoridade sobre o povo antarense. Através da autoridade conquistada pela família Campolargo, incluindo Dona Quitéria, eles tornam-se decisivos para a formação de opinião dos membros da sociedade de Antares. No “incidente” que dá título à obra, Dona Quita é a sexta a morrer e a primeira a levantar do caixão, entre os sete mortos que, mais tarde, revelarão as fraudes existentes na comunidade antarense.

A personagem morreu vítima de um ataque cardíaco e teve ao seu lado dois médicos que tentaram salvar-lhe a vida. O fato de possuir dois profissionais da saúde, ao seu lado, demonstra a sua situação econômica, “D. Quitéria acaba de expirar. Fizemos o possível, o Dr. Falkenburg e eu.” (VERISSIMO, 1971, p. 204). O velório da matriarca foi um “grande acontecimento” público, pois todos os membros da sociedade queriam participar. O luxo foi a nota dominante em seu velório, em que foram servidos “oitocentos e quatro xícaras pequenas de café, cento e cinquenta e duas taças de chá, trezentos e oitenta sanduíches de presunto e queijo, trinta bandejas de doces, e cento e cinco tigelinhas com sorvete (abacaxi e limão)”. (VERISSIMO, 1971, p. 206).

O cortejo fúnebre, por seu turno, também traz a marca do requinte social: “Formou-se finalmente o cortejo. À frente ia a Banda Musical Carlos Gomes, vinte e dois músicos [...]” (VERISSIMO, 1971, p. 212). “A poucos metros atrás da banda, vinham trinta e três garbosos cavalarianos, escolhidos a dedo,” (VERISSIMO, 1971, p. 213). Já após “acordar” e levantar de seu caixão, a personagem demonstra desprezo pelos demais mortos, mesmo estando na mesma condição que eles. “D. Quitéria meneia a cabeça, estralando a língua entre os dentes, num sinal de reprovação.” (VERISSIMO, 1971, p. 236).

Em vida, Dona Quitéria traz a marca da mulher forte e dominadora, não se observa a sua preocupação com o domínio do lar, ela apresenta outros interesses, que a projetam para o universo social.

- Não sei... acho que um passado, como o nosso não se bota fora como a água suja dum banho. Eu sou tradicionalista, o que não quer dizer que seja atrasada... O Zózimo e eu aqui sozinhos todos estes meses temos discutido muito esses problemas e outros (VERISSIMO, 1971, p. 102).

Ela não era submissa ao marido, pois, a partir do momento da morte de seu sogro, que após selar um acordo de paz com a família Vacariano, seus maiores inimigos, “teve um edema agudo de pulmão e faleceu” (VERISSIMO, 1971, p. 38), é ela quem passa a exercer a autoridade predominante, tanto em sua casa, como em relação aos aspectos políticos. Por exemplo, em certo momento, Zózimo Campolargo teve de se ausentar da cidade, para não ser ridicularizado, devido a um acontecimento político e foi a sua esposa quem assumiu as funções desempenhadas por ele. “D. Quitéria, porém, permaneceu em Antares, para tomar conta da família e de seus negócios,” (VERISSIMO, 1971, p. 43).

Dona Quitéria pertence à classe burguesa – a elite dominante na sociedade representada - e defende os interesses desta classe social. Ela é considerada pelas outras personagens da narrativa “a mais fiel das esposas, a mais extremosa das mães, a mais dedicada das amigas, incomparável dama de caridade, grande patriota, protetora dos pobres e dos desamparados” (VERISSIMO, 1971, p. 212). Nesse aspecto, as características ressaltadas demonstram aspectos sociais valorizados pela sociedade burguesa, que preza a relação da mulher em sua condição de esposa e mãe. Além disso, Dona Quita é reconhecida por dedicar-se à caridade, o que demonstra outro propósito da burguesia que, através da dedicação a uma obra humanitária, mantém a influência na sociedade. A personagem auxilia os que viviam na favela Babilônia, no entanto, ela menospreza os pobres, criticando os pais, pela falta de controle de natalidade familiar: “- Deus é grande. Vivem e se reproduzem como coelhos.” (VERISSIMO, 1971, p. 73).

Entretanto, estas passagens demonstram a contrariedade expressa na personagem, pois ela segue os preceitos positivistas, a religião católica e também defende os ideais políticos capitalistas. Dessa maneira, duas características são marcantes na personagem, ou seja, a crença na fé católica e o empenho dedicado à política. Conforme o próprio discurso de Dona Quitéria Campolargo, “acredito em Deus e na outra vida” (VERISSIMO, 1971, p. 105). Já se referindo à política, a personagem declara “que é um dever cívico a gente ter um interesse

ativo na política do seu país” (VERISSIMO, 1971, p. 95). Dona Quita demonstra não somente expressar-se a favor dos ideais políticos que acredita, como também se destacam seus conhecimentos a respeito dos assuntos que preserva para manter a sua condição de membro da classe dominante. “- O Getúlio e o Jango é que encorajam os operários a fazerem greves e ameaças. Não se tem mais sossego neste país. E depois, onde se viu fazer um aumento de 100% nos salários mínimos?” (VERISSIMO, 1971, p. 73).

A marca latente em Dona Quita é o propósito burguês pela manutenção do *status quo*, mesmo que isso determine a opressão dos demais segmentos sociais.

Quanto à questão religiosa, a personagem demonstra seguir o que a Igreja Católica ensina. “Tenho feito as minhas caridades. Rezo todas as noites. Vou à missa todos os domingos e me confesso todas as semanas” (VERISSIMO, 1971, p. 105). Esta forma da personagem mostrar a sua fé revela a religião católica dentro de uma tendência conservadora, ou seja, uma igreja conformada e fiel às tradições antigas e despreocupada com as injustiças sociais. A religião, encarada desta maneira conservadora, parece ser uma obrigação a ser cumprida rigorosamente.

Sendo assim, tanto a Igreja como os burgueses são conservadores e, para eles, as modificações sociais são vistas como fator de ameaça ao poder conquistado. Assinala Follmann (1985, p. 67):

A igreja no Brasil, ao longo de toda sua história, foi sempre nitidamente uma grande parceria das classes dominantes. Formada quase exclusivamente de católicos tradicionais e caracteristicamente portadora de ideologias conservadoras, mostrou-se, ao longo de séculos, até tempos bem recente, como força institucional conivente (e integrada) com as estratégias de defesa dos interesses das classes dominantes e estranha às incipientes estratégias de afirmação dos interesses das classes dominadas, na medida que estas foram se constituindo.

O fato de Dona Quitéria Campolargo fazer caridade, contudo, serve para reiterar a supremacia de sua classe social. Ao ajudar os pobres, a personagem torna-se influente e adquire a gratidão das classes sociais menos privilegiadas, de modo que a caridade confere-lhe autoridade e uma aura de respeitabilidade. Ora, ela abria mão da sua vida privada, das suas crenças políticas, para dedicar atenção aos menos favorecidos, que, em razão disso, se mostravam agradecidos e sequer questionavam os fatos, as injustiças que se lhes apresentavam.

Além disso, Dona Quitéria utiliza a sua crença religiosa para julgar e criticar as demais personagens não pertencentes à sua classe social ou que dela discordassem. Assim, ela repreende as personagens que não seguem os ensinamentos da Igreja Católica. “- Os hereges,

os ateus, esses não sabem para onde vão. Mas quem tem fé em Deus e na sua igreja conhece o seu destino depois da morte.” (VERISSIMO, 1971, p. 243).

Nesse sentido, após a sua morte, mais uma vez a personagem representa a ideologia dominante ao afirmar que quem acredita em Deus possui o domínio da situação e sabe para onde vai, ao passo que quem não apresenta fé religiosa, não terá um destino previsível após a morte. Dona Quita crê, com suas ações, ter garantido a misericórdia divina. Porém, ao classificar as personagens quanto as suas convicções religiosas, ela contraria os preceitos católicos, uma vez que, para o Catolicismo, todos são iguais perante Deus. A personagem por ter uma maior quantidade de capital, julga-se representante de Deus, para avaliar os outros que não são favoráveis a sua religião.

“Como foi que o senhor teve a coragem de matar-se? Não sabe que só Deus é capaz de nos dar vida e só ele tem o direito de nos tirar essa vida?” (VERISSIMO, 1971, p. 244). Para Dona Quita, Deus está acima dos homens, sobretudo dos homens humildes, desprovidos de poder e riqueza. Em seu universo, a matriarca Campolargo reproduz um ideário, segundo o qual, as coisas são como são e, como tal, aos ricos é permitido explorar, aos cristãos é facultado operar a caridade, desde que a organização social rígida e hierarquizada não seja subvertida.

A personagem, assim concebida, representava a ideologia católica, mas também a ideologia capitalista. “Acendemos uma vela a Deus e outra só diabo” (VERISSIMO, 1971, p. 182), colocando, dessa forma, em cheque, o ideário católico em que prevalece a bondade, a justiça, a coerência.

Dona Quita, através de suas convicções políticas e religiosas, revela uma contradição, pois ela defendia ideais cujos princípios são opostos, uma vez que o capitalismo busca o acúmulo de bens e o favorecimento de poucos indivíduos e o catolicismo acredita na divisão dos bens e busca o bem estar de todos. Com isto, percebe-se que, na verdade, o que a personagem buscava era o próprio bem estar. Ela acreditava e defendia preceitos da Igreja Católica, porque o catolicismo representava a ideologia da classe dominante, qual seja, a burguesia. “Meu corpo estará então no mausoléu da família, minha alma com Deus” (VERISSIMO, 1971, p. 182).

Note-se que, mesmo após a sua morte, a personagem representa uma oposição entre os ideais católicos e capitalistas. Ou seja, ela continuava a representar ideologias opostas que, no entanto, refletiam a relação de domínio da sociedade burguesa: “Continuou quietinha no seu caixão de pau-marfim com ornamentos de bronze, que mandara fazer para si mesma

na melhor casa de pompas fúnebres de Antares, [...]” (VERISSIMO, 1971, p. 208).

Pela descrição do caixão que a personagem escolheu, pode-se inferir que ela é extremamente materialista e queria exibir a sua riqueza perante a sociedade. Embora fosse adepta das ideias do catolicismo, suas atitudes iam contra ao que a sua religião ensina e, dessa forma, a característica representada, que prevalece, é o apego pelo dinheiro.

Após levantar de seu caixão, a personagem dá-se conta que foi enterrada sem as suas joias.

- Talvez tenha sido isso mesmo, um ladrão... – Põe se a apalpar os dedos, o pulso, o peito, o pescoço, as orelhas.

- Ai! Fui roubada, doutor! O bandido levou todas as minhas jóias! – Levanta-se. – Fui roubada! Meu Deus! Jóias antigas de família...(VERISSIMO, 1971, p. 232).

Ao deparar-se sem a sua riqueza material, a personagem demonstra desespero, afinal, ela está sem os objetos que lhe forneciam uma diferenciação social. Assim, depois de morta, ela se igualava as demais personagens, que, naquele momento, não apresentavam nada de superior ou inferior no que diz respeito a bens materiais. Em outras palavras, o que a personagem desejava era manter a sua posição de superioridade e domínio, mesmo depois de morta, por isto, orgulhava-se de possuir o sobrenome Campolargo que, na cidade de Antares, representava o poder desde muitos anos atrás.

Outro aspecto quanto a este episódio, é que a personagem, num primeiro momento, sentiu falta da sua riqueza e seu diferencial, mas não se deu conta da sua condição de morta. Ela julga que os pobres estão no cemitério, pois acredita que foram eles que roubaram suas joias, e, no entanto, quem tinha lhe roubado, foram os membros de sua família, ou seja, os burgueses. Assim, a personagem evidencia o fato dos burgueses defenderem ideias com bases conservadoras e acreditar somente em si mesmo, ou seja, em sua classe social. Para isto, a Igreja conservadora, do padre Gerônimo Albuquerque, é de grande valia, uma vez que está centrada em dogmas tradicionais e sem mudanças. “- Mas eu deixei com minhas filhas e meus genros disposições escritas muito claras: queria trazer comigo para a sepultura todas as jóias que herdei de meus antepassados...” (VERISSIMO, 1971, p. 233). Sendo assim, entende-se que Dona Quitéria Campolargo sentiu-se melindrada ao perceber que estava sem a herança familiar. Desse modo, sem os objetos que pertenceram a sua parentela, a personagem igualava-se às outras no que diz respeito à posse de bens. A distinção social que possuía em vida e almejava manter após sua morte, contudo, contradiz os princípios do catolicismo. Ela

defendia os ideais católicos e, no entanto, ao desejar ser diferente socialmente, estava infringindo um preceito religioso, de que todos são iguais perante Deus.

Deve-se ainda acrescentar que, em vida, Dona Quitéria era responsável por uma sociedade de nome “Legionários da Cruz”, que exemplifica a contradição entre capitalismo e catolicismo, “nossa guerra não era só política como religiosa e moral. Precisávamos combater também a dissolução de costumes” (VERISSIMO, 1971, p. 180). A intenção desta instituição, organizada por Dona Quita, era defender os valores que favoreciam a classe dominante. Assim, o grupo era formado por autoridades e pessoas “graúdas” da sociedade de Antares, ou seja, membros pertencentes a burguesia, como o coronel, o prefeito. Entende-se que as convicções que orientam as ações das personagens que, pertenciam àquela instituição, baseavam-se nas aparências e o acesso era limitado, pois só participavam as personagens ricas e poderosas da cidade, mesmo que para ter atingido esta condição elas tivessem realizado falcatuas e mentiras.

Observa-se que a intenção do grupo era conquistar aliados da mesma classe social para manter os interesses que lhes proporcionava supremacia e domínio sobre aqueles que não possuíam posses ou ainda tinham pouco poder aquisitivo. Desse modo, nota-se que a sociedade, “Legionários da Cruz”, justificava a sua criação como sendo um lugar para difundir os ideais cristãos, servindo, na prática, como fachada para encobrir os corruptos da cidade, uma vez que estes ofereciam benefícios para a Igreja Católica.

Em face destas considerações, percebe-se que as crenças seguidas por Dona Quitéria, apresentavam, em sua base, aspectos totalmente diferentes. O catolicismo desconsiderava a riqueza. Já a ideia principal do capitalismo resumia-se ao fato de que quanto maior quantidade de dinheiro a pessoa possuísse, mais valorizada seria na sociedade. No entanto, através da representação da ideologia católica e da ideologia capitalista, verifica-se que ela preservava estes valores, porque eles favoreciam a ideologia dominante.

Na sociedade atual, pode-se perceber que a atitude representada por Dona Quitéria existe. Algumas pessoas utilizam o discurso católico somente para manter as aparências, ou seja, parecer alguém justo e preocupado com os interesses de todas as classes sociais, baixa ou alta. E, dessa forma, para considerar-se superior e ser valorizado em uma sociedade, pode ser realizado tudo, enganar, trapacear ou até mesmo valorizar e defender ideias opostas. Assim, o capitalismo está a serviço dos poderosos e a Igreja Católica, que é favorecida por este dinheiro aceito de maneira passiva, sem contestar os meios usados pela classe dominante para adquirir capital, mostra-se conivente. Contudo, ainda existem membros da igreja ou

seguidores dela que pensam como o padre Pedro Paulo, numa igualdade social e num mundo mais justo, “eu continuarei lutando pelos nossos vivos” (VERISSIMO, 1971, p. 188).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da obra *Incidente em Antares* mostra a hipocrisia existente na sociedade burguesa gaúcha do século XX. Para demonstrar a verdadeira face dos burgueses, o narrador representa os valores, os costumes e as ideologias que a burguesia acreditava. Assim, quem denuncia a falsidade existente na sociedade antarense são as personagens mortas, pois estando em condições diferenciadas das personagens vivas, não apresentam nenhuma relação de cortesia e, por este motivo, podem desmascarar as personagens pertencentes a classe burguesa. Segundo Zilberman (1992, p. 86), as personagens mortas

vêm a se defrontar com os vivos; e despidos das vaidades dos compromissos sociais, eles promovem uma autêntica catarse coletiva, denunciando a hipocrisia, a arbitrariedade e a desonestidade dos responsáveis pelo comando político e moral da cidade.

Uma personagem que exerce influência política, moral e religiosa na comunidade de Antares é Quitéria Campolargo. A personagem segue os preceitos católicos que vão ao encontro daquilo que ela almejava, ou seja, adquirir e manter o *status quo* na sociedade em que vivia. Deve ser considerado o fato de a religião católica ser vista como aquela pertencente e seguida pela classe dominante. De acordo com Folmann (1985, p. 67):

A igreja no Brasil, ao longo de toda sua história, foi sempre nitidamente uma grande parceira das classes dominantes. Formada quase exclusivamente de católicos tradicionais e caracteristicamente portadora de ideologias conservadoras, mostrou-se, ao longo de séculos, [...], como força institucional conivente (e integrada) com as estratégias de defesa dos interesses das classes dominantes e estranha às incipientes estratégias de afirmação dos interesses das classes dominadas, na medida que estas foram se constituindo.

Tendo em vista as ponderações de Folmann (1985), pode-se afirmar que a personagem analisada seguia a religião católica com o intuito de preservar a sua condição de membro da classe dominante. No entanto, o que se verificou é que, na maioria das vezes, os ideais católicos seguidos por Dona Quitéria Campolargo eram contrários ao que a religião pregava e incentivava.

Dentre as atitudes, representadas pela personagem Dona Quita e que iam contra aos ideais cristãos, está o orgulho demonstrado por ela. Assim considerada, por meio de suas atitudes representadas, Quitéria Campolargo tinha as suas ações pautadas pelo propósito capitalista, cuja marca mais significativa é a ascensão social, caracterizada pelo individualismo. Ela buscava o seu próprio favorecimento e não visava ao bem estar comum. Dessa maneira, a ideologia católica, preservada por ela, servia como meio para adquirir prestígio e domínio social. Conforme já evidenciado no presente trabalho, a ideologia é encarada como sendo “um dos meios usados pelos dominantes para exercer a dominação,” (CHAUÍ, 1982, p. 86), ou seja, é uma forma dos ricos se sobressaírem em relação os pobres.

Dessa forma, constatou-se, na análise da obra, através da personagem Quitéria Campolargo, que o capitalismo e o catolicismo conjugavam-se e representam a ideologia dominante. Ressalte-se, no entanto, que, na narrativa, algumas personagens demonstravam acreditar em valores diferentes daqueles que a burguesia propunha. É o caso do padre Pedro Paulo que desejava uma sociedade justa, onde todos tivessem oportunidades e direitos iguais.

Na finalização do presente trabalho, ficam novos temas e novas abordagens a serem verificadas na obra e na personagem. Um assunto que merece destaque quanto a Dona Quitéria Campolargo é o fato de ela representar uma mulher a frente de seu tempo, uma vez que ela opina e está empenhada quanto aos aspectos políticos, sociais e econômicos que dizem respeito ao país, o que difere da representação da maioria das mulheres burguesas, que estavam preocupadas com bailes (saraus) ou com a vida doméstica.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 3 ed. São Paulo: Nacional, 1973.

CHINOY, Ely. **Sociedade, uma introdução à Sociologia**. 4.ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FOLLMANN, José Ivo. **Igreja, ideologia e classes sociais**. Petrópolis: Vozes, 1985.

ISMÉRIO, Clarisse. **Mulher: a moral e o imaginário (1889-1930)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

LUCAS, Fábio. *Compromisso social em Incidente em Antares*. In: BORDINI, Maria da Glória. **Caderno de pauta simples: Erico Verissimo e a crítica literária**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2005.

_____. **O caráter social da ficção do Brasil.** São Paulo: Ática, 1985.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft.** 20 ed. São Paulo: Ática, 2000.

PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira.** 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

STEIN, Ingrid. **Figuras femininas em Machado de Assis.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

TAVARES, Henio. **Teoria literária.** 11 ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Villa Rica, 1996.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura no Rio Grande do Sul.** 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

_____. **Literatura gaúcha:** temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: L e PM, 1985.